



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

FOTOGRAFAR A FESTA, CELEBRAR A RELIGIÃO: A DURAÇÃO DA MEMÓRIA NAS IMAGENS DE UMA FAMÍLIA NEGRA NA ILHA DA PINTADA, PORTO ALEGRE, RS

Fernanda Rechenberg
Doutoranda PPGAS/UFRGS
Professora Assistente da Universidade Federal de Alagoas
fernandarechenberg@gmail.com

A despeito de uma suposta banalização do ato de produzir retratos com o advento das novas tecnologias digitais, a fotografia persiste como um campo fértil no desvendamento de tradições e dinâmicas culturais dos mais variados grupos sociais. Na perspectiva de uma antropologia urbana, a fotografia constitui uma dentre as múltiplas formas de cultura material que engendram a memória coletiva da cidade, revelando os percursos e trajetos históricos e antropológicos dos habitantes citadinos (ECKERT e ROCHA, 2005). Antes de operar enquanto “testemunho” ou “prova”, as imagens fotográficas revelam um ato reflexivo de enquadramento do tempo e do espaço, uma forma de “pensar o tempo” (BACHELARD, 1994).

Durante a realização da pesquisa etnográfica do projeto de doutorado¹, entre os anos de 2009 e 2010, tive a oportunidade de refletir sobre as diferentes camadas de sentido que motivavam a documentação de rituais junto a um grupo de moradores na Ilha da Pintada, localidade do município de Porto Alegre. Estes moradores reuniam-se em torno das práticas e tradições de matriz africana lideradas por uma família negra, em uma localidade reconhecida por uma predominante tradição açoriana e pesqueira. O “povo da casa”, ou “a negada da Leoni”, como a matriarca da família costumava chamar a rede que vinculava de parentesco de sangue, de santo e vizinhança, se dedicava com afinco às atividades da terreira e da escola de samba que tinham lugar na parte de “baixo” da Ilha da Pintada.

¹ “Imagens do negro nos tempos da cidade: memórias e narrativas em acervos fotográficos institucionais e particulares em Porto Alegre, RS”. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social – PPGAS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Neste artigo, pretendo discutir as dimensões festiva e religiosa de um grupo de moradores da Ilha da Pintada sob a ótica da documentação fotográfica destes rituais, nos contornos da “duração” de uma memória negra na Ilha da Pintada.

*

As lembranças de Dona Leoni sobre sua chegada na Ilha da Pintada, em meados da década de 1950, costumavam retornar a um mesmo ponto: o preconceito racial vivido pelos negros que passavam, por volta daqueles anos, a habitar a Ilha. Estar na praça com aquele que seria seu futuro marido era também escutar as vozes dos ilhéus chamando uns aos outros para ver “os corvos de mãos dadas”. Neste convívio difícil com os novos vizinhos, a jovem Leoni passou a evitar os passeios na rua, não frequentou a escola e casou-se em casa. Leoni costumava narrar suas lembranças com um ar jocoso, mas o caráter marcante destas experiências em sua biografia se expressava na valorização de uma identidade negra que era transmitida a seus filhos. Ela e seus três filhos, Bia, Rosi e Max, constituíam o esteio de um conjunto de práticas culturais e religiosas que buscavam marcar a Ilha da Pintada como um território representativo de uma tradição negra na cidade de Porto Alegre.

Circundada por uma paisagem de águas e juncais, a Ilha da Pintada é uma das dezesseis ilhas que integram o bairro Arquipélago, pertencente ao município de Porto Alegre². Em suas margens, as ilhas apresentam um contraste entre uma população empobrecida, pequenos sítios e mansões, e casas e clubes náuticos destinados ao veraneio de uma classe economicamente privilegiada. Diferentemente de outras ilhas, ocupadas por moradores de baixa ou baixíssima renda, a Pintada possui uma significativa população de classe média, possivelmente por ter consolidado, até meados da década de 50, uma urbanidade em pequena escala que configurava uma espécie de “centro” do Arquipélago, por ter serviços como cartório, posto policial, cinema, escolas e armazéns.

As explicações históricas sobre este território configuram um “mito de fundação” da Ilha da Pintada que se entrelaça e se embaralha com a própria história do

² Envolvidas pelas águas provenientes dos rios Jacuí, Caí, Gravataí, Sinos e pelo Lago Guaíba, as ilhas fazem parte do Parque Estadual Delta do Jacuí, criado em 1976, como uma tentativa de evitar a degradação ambiental da região, cujo ecossistema desempenha um importante papel ambiental para a cidade, atuando como um regulador natural da elevação das águas em épocas de cheias.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

povoamento de Porto Alegre, cuja “matriz explicativa histórica” (MONTEIRO, 2006) enfatiza a chegada de 60 casais açorianos. Enfrentando as adversidades de uma natureza “selvagem”, os açorianos teriam chegado à Ilha no início do século XIX, encontrando ali espaços de moradia e também alternativas à subsistência por meio da pesca, frente ao descaso das autoridades portuguesas que levaram a cabo o projeto colonizador. De acordo com esta matriz explicativa, a intensificação da presença do negro na Ilha da Pintada dataria do século XX, relacionada principalmente aos processos migratórios de trabalhadores oriundos de cidades próximas. Isso porque além da tradição pesqueira, a ilha abriga um importante estaleiro, que atraía operários da região da bacia carbonífera do Estado. O Estaleiro Mabilde já era um dos maiores do sul do Brasil quando instalou-se na ilha, em 1914. A empresa construiu casas para seus trabalhadores, escola para seus filhos e armazéns de “secos e molhados” para atender ao seu abastecimento. A partir de 1943, quando o controle da administração do Estaleiro passou para o Consórcio Administrativo das Empresas de Mineração (CADEM), aconteceu uma nova movimentação na chegada de operários na Ilha em razão da vinda de um número expressivo de trabalhadores negros vindos da região carbonífera. (PORTO ALEGRE, 1995).

A chegada desses trabalhadores causou muitos comentários na época entre os ilhéus, predominando até hoje a narrativa de que não existia negros na Ilha, com exceção do Mabilde, que era considerado pelos ilhéus uma espécie de bairro à parte. Tais trabalhadores sempre tiveram uma aceitação “parcial” entre os moradores mais antigos (ARAÚJO, 1998). Esta divisão sustenta ainda hoje a categorização étnica dos espaços da Ilha, dividida entre a parte de “cima”, onde predominam as habitações de classe média e também um pequeno “centro” em torno da Colônia de Pescadores Z-5³, e a parte de “baixo”, conhecida também por “Mabilde”, e habitada pela população mais “carente” e também pela maior parte dos moradores negros da Ilha⁴. A presença dos moradores negros na parte “de baixo” e a expressão de suas tradições religiosas

³ Fundada em 1921, a Colônia de Pescadores Z-5 abrange toda a região do Delta do Jacuí, além de outros municípios da região sul do Estado.

⁴ Tal divisão pode ser compreendida à luz da pesquisa de Norbert Elias e John Scotson (2000) como uma relação entre “estabelecidos e outsiders”, embora no caso da Ilha, a correspondência entre superioridade e antiguidade dos moradores é investida de outras variáveis como classe social, profissão, e principalmente o que os autores chamam de “ascendência étnica, cor ou raça” (Elias e Scotson, 2000:21).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

reforçavam esta aceitação parcial por parte dos moradores da parte “de cima”, ligados predominantemente a uma tradição religiosa católica. Ainda que os cultos afro-brasileiros estejam inseridos em conjuntos de imagens sobrepostas que configuram as ilhas como um território místico da cidade, um local de lendas e assombrações que reúne benzedeadas, bruxas, lobisomens e batuqueiras (ARAÚJO, 1998; DEVOS, 2007), o catolicismo popular figura como a prática religiosa mais antiga e legitimada da Ilha.

*

Durante a pesquisa etnográfica, eram freqüentes as referências a uma certa tensão entre os moradores do Mabilde, e mais especificamente a rede social e familiar de Dona Leoni, e os moradores da parte de “cima” da Ilha. Isso ficava particularmente claro na relação dos moradores de “baixo” com a sede da Colônia de Pescadores Z-5, um dos espaços mais emblemáticos e representativos da tradição açoriana da Ilha da Pintada. Todos os domingos, a Colônia de Pescadores Z-5 abre suas portas e oferece o tradicional peixe na taquara aos visitantes que saem do centro da cidade, seja de carro, seja nos passeios de barco com saída da Usina do Gasômetro, configurando o principal foco turístico da Ilha. O espaço, além de abrigar uma pequena loja de artesanato do grupo de artesãs da Ilha e receber visitantes, é destinado a festas e eventos locais. De modo geral, a rede familiar e religiosa de Bia se referia ao espaço como um local que não lhe era próprio, que não fazia parte de seus itinerários e cujos freqüentadores não participavam de suas redes sociais.

Tais fronteiras não se expressam na forma de locais interditos na Ilha, mas nas distinções simbólicas que separam, mas também vinculam, estes moradores. Como enfatiza Nancy Munn (2003), trata-se de pessoas em ação, as quais não apenas produzem fronteiras e experiências, mas são elas próprias fronteiras. Nesta perspectiva, as fronteiras são determinadas por espaços e sujeitos associados à tradições diversas, os quais criam distinções espaciais nas quais o acesso e a interdição são acionados de acordo com critérios variáveis. Em diversas idas a ilha, por exemplo, pude acompanhar a movimentação de Leoni, Bia, Rosi e de alguns jovens que se preparavam animadamente para festas na Z-5. Ainda assim, em conversas informais ou narrativas mais densas, este espaço emergia como um local de não reconhecimento por parte do grupo. Pude perceber que as experiências de adesão e evitação a determinados locais e



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

práticas eram ancoradas na memória do grupo familiar, em que as imagens rememoradas aderiam às narrativas de preconceito e cisão na Ilha.

Neste contexto, as fotografias do acervo particular da família representavam uma forma de guardar na memória as experiências individuais e coletivas do grupo, revelando um “ponto de partida” para uma “viagem” permeada por sentimentos e emoções, em que a memória é convidada a se colocar (BARROS, 1989). Tais imagens narram a perdurância e as negociações dos laços coletivos neste território urbano.

Em um dos dias em que estive com Rosi e Leoni observando fotografias de seu acervo, em mais de um momento a Colônia de Pescadores Z-5 surgia nos comentários como um espaço dificilmente permeável. Rosi encontrou uma imagem que retratava um desfile de fantasias na Z-5, no qual a filha de Bia havia participado:

Rosi: Isso aqui era um desfile no Z-5, de originalidade de fantasias, e a Bia montou essa fantasia pra Aretusa, que tinha o nome de “Tributo ao Mar”. Toda de pérolas, com concha... e aqui é ela desfilando, a Aretusa tinha aqui provavelmente uns 10 anos.

Leoni: E a Aretusa não ganhou prêmio nenhum, primeiro lugar tirou um guri que o pai tinha que andar com ele no colo, vestido da estátua do laçador⁵...

Rosi: Com o guri no colo! Ah, fala sério! Aí a gente foi se desgostando dessas coisas, assim, sabe...é, porque no fim a gente fazia as coisas, e ia pra concursos, e...

Leoni: Mas é, aquela coisa, tinha um pouquinho de discriminação, agora não...

A Yemanjá negra, simbolizando a força das águas, a fertilidade, a tradição africana. O Laçador na figura de um menino, imagem vir-a-ser do gaúcho idealizado. Quem ganharia esse concurso? Anos mais tarde, Aretusa seria a modelo principal do catálogo do grupo de artesanato Artescamas, sediado na Colônia de Pescadores Z-5, que produz jóias a partir das escamas dos peixes da região. Uma outra fotografia, que retratava Belmiro, filho de Leoni já falecido, e Bia dançando em uma festa na escola vestidos de “gaúcho” e “prenda” entre os colegas que não faziam uso de tal vestimenta, também provocou o comentário irônico de Rosi:

⁵ A Estátua do Laçador é um monumento na cidade de Porto Alegre que representa um gaúcho “pilchado”, com trajes típicos, inspirado na imagem do tradicionalista Paixão Cortes. O monumento foi tombado como patrimônio histórico em 2001.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Rosi: Ih, aqui a minha irmã, com meu falecido irmão, falecido Belmiro e aqui é a Bia, dançando “oi bota aqui oi bota ali o seu pezinho...”⁶. E a Lia se prestava! (risos)

Leoni: Ah, não, a gente sempre teve isso, e acho que é por isso que a Bia assim, e se eu não tinha as coisa direito eu enjambrava pras criança, eu ajeitava, eu sempre incentivei assim...

Pesquisadora: E participavam das festas...

Leoni: Participava, apesar de chamarem de macaco, de anu, ai que eu tenho uma raiva, (risos), mas eu vou!

Ambos os diálogos nos mostram as fronteiras que separam e vinculam estas distintas tradições. Se na época em que os filhos de Leoni eram pequenos, as expressões de uma cultura negra como a Umbanda tinham que ser praticadas às escondidas, era nos espaços públicos e institucionais de aprendizado, como a escola que se aprendia a “ser gaúcho”⁷. A fotografia nos mostra que fora do espaço doméstico, Leoni buscava integrar os filhos nessa cultura “gaúcha” e “pesqueira”, participando de diferentes espaços de sociabilidade na Ilha. Caso bem diferente é o da geração seguinte, quando suas netas e netos ganham projeção justamente na valorização das expressões afro-brasileiras, como foi o caso de Aretusa. Ambos os diálogos nos mostram a tensão entre dois conjuntos “imaginários” (DURAND, 1998), prenes de símbolos, lendas e mitos, em que um se institucionaliza, tornando-se oficial e sendo ensinado nas escolas, e o outro permanece escondido, às margens, “selvagem”. Nesta perspectiva, a marginalidade não existe em essência, nem é uma condição definitiva. Nas palavras de Gilbert Durand (1998), o marginalizado se potencializa no lugar das margens, enquanto a linguagem social institucionalizada em verdades perde sua pregnância simbólica. O excluído de ontem torna-se o dominante de hoje.

O relato de uma “volta por cima” foi a primeira narrativa que escutei de Bia, ao iniciar a pesquisa etnográfica no ano de 2009 na Ilha da Pintada. Em um momento formal, em que estavam presentes moradores da Ilha, e funcionários da prefeitura

⁶ Rosi entoou um trecho de uma canção símbolo da tradição gaúcha dos CTGs.

⁷ Nas escolas do Rio Grande do Sul é frequente a temática das tradições gaúchas, seja no estudo curricular em disciplinas como história e literatura, seja nas atividades extra-classe. Diversas escolas da rede pública e particular possuem grupos de CTG (Centro de Tradições Gaúchas), iniciando os alunos nas vestimentas e danças que caracterizam a cultura gaúcha.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

municipal engajados em um projeto junto a esta comunidade⁸, escutamos Dona Leoni falar do preconceito racial sofrido em sua chegada na Ilha. Depois de ouvir a fala de sua mãe, Bia contou que “deu a volta” nesse preconceito mostrando aos brancos algo que eles não tinham: a dança. Na época em que o grupo norte-americano “Jackson 5” fazia sucesso, Bia e seus amigos paravam na porta dos bailes na Z-5 e dançavam na rua, porque “os negrinhos lá de baixo não podiam entrar”. Os brancos paravam para olhar e queriam aprender, porque não sabiam mexer o corpo daquela maneira.

Dona Leoni, ao comentar sobre as relações entre brancos e negros na parte de “baixo” da Ilha, conta que no seu casamento, Dona Lolinha, uma moradora antiga na Mauá que a ajudava com os preparativos, comentou: “hoje os branco vão ter que dançar junto com os nego!”. Uma “rateada”, segundo Dona Leoni, mas que deixa exposta estas fronteiras simbólicas que dividiam negros e brancos na Ilha. A dança dos negros, que era praticada apenas na parte de “baixo” da Ilha, na juventude de Leoni, volta como “potência” na geração de Bia.

Um episódio que ilustra bem a dinamização dessa potência foi a celebração do segundo casamento de Bia, há cerca de dois anos, no CTG local, situado na parte “de cima” da Ilha da Pintada. O casamento foi uma cerimônia “afro”, em que as roupas, a decoração e a condução do ritual foram pensados segundo um imaginário africano. Muito diferente do casamento de sua mãe Leoni, que pagou para um padre católico para que este realizasse a cerimônia em sua casa, como uma forma de evitar os olhares e comentários. O primeiro casamento de Bia também foi realizado em casa, mas em uma cerimônia sem a presença de dirigentes católicos, recebendo a bênção de sua mãe de santo e de sua mãe de sangue. Rosi, por sua vez, celebrou sua terceira união em um “Casamento de Umbanda”, o qual tive a oportunidade de participar durante o trabalho de campo. Foi uma cerimônia pequena, realizada apenas para os “filhos da casa” na própria terreira, mas marcada pela presença de todos os elementos de distinção étnica praticados pelo grupo, como os orixás, o maculelê, os cantos e as danças, os tambores. Por contar apenas com poucos convidados, houve uma série de comentários no Mabilde por parte de pessoas que não haviam sido convidadas, e que se consideravam “da

⁸ Tratava-se de um projeto promovido por um setor da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, o qual propunha a realização de oficinas culturais “descentralizadas”, em diferentes bairros da cidade. Eu atuei como uma das “oficineiras” deste projeto, responsável pelas aulas de fotografia na Ilha.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

família”, compartilhando amizade ou relação de vizinhança de longa data com a noiva e seus familiares. Neste caso, um marcador religioso operava como uma divisão de águas entre os que são de dentro e de fora do grupo. Os casamentos destas três mulheres nos mostram formas diferenciadas, em contextos também diversos, nas quais os valores relacionados a uma negritude se tornam cada vez mais expostos na Ilha, atuando inclusive como um fator de distinção. Poderíamos interpretar como “fronteiras étnicas” associadas a um conjunto de práticas e tradições (BARTH, 1998), as quais mantêm uma distintividade do grupo ligada a certos marcadores étnicos, mas também permeáveis e inseridas na complexidade de relações e expressões identitárias que define fronteiras simbólicas no contexto das sociedades complexas (VELHO, 1994; 2008).

As narrativas de uma memória familiar associadas ao preconceito e a uma “volta por cima”, e o grande investimento de Leoni e sua família em torno da manutenção das expressões de matriz africana, mostram a força de uma relação dialética entre passado e presente, onde a memória se constitui por “uma vontade de futuro social” (BACHELARD, 1994:48). Vemos que as narrativas familiares marcadas por trajetórias individuais, nas quais a memória do racismo e do preconceito são vividas com intensidade, impulsionam uma produção cultural e religiosa que busca valorizar uma tradição “afro”.

*

O conjunto de expressões de matriz africana reunia o grupo a partir de um calendário anual de festividades que demandava a presença e a mobilização do “povo da casa”, e em alguns casos, como o carnaval, de uma rede social mais ampla que vinculava moradores de dentro e de fora da Ilha. Este calendário contemplava três momentos em que a terreira se mobilizava intensamente: uma festa junina, realizada na rua e aberta à comunidade; a festa da cigana, principal festividade da terreira, realizada em novembro, e o carnaval, que em 2010 aconteceu em março. Também havia as festas regulares em homenagem aos Orixás, como a festa dos “cosminho”, para Cosme e Damião, em setembro. Além destas festas, havia “terreira” todos os sábados à noite, e frequentemente homenagens e trabalhos especiais nos dias de domingo. Pelo menos duas vezes ao ano o “povo da casa” saía da Ilha em atividades externas: na procissão fluvial em homenagem a Oxum, Nossa Senhora Aparecida, no dia 12 de outubro e a



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

“excursão” que faziam até uma cidade litorânea no mês de fevereiro para saudar Iemanjá na beira do mar.

A fotografia, que desde as primeiras idas à Ilha expressava o motivo de minha presença ali, também constituiu um laço de troca importante com o grupo. Só ou em companhia dos alunos⁹, eu costumava andar com a câmera fotográfica pela ilha, disponível a fotografar as atividades do grupo. Passei a ser requisitada a fotografar não apenas festas e rituais na terreira, mas também a realizar books e fotografias de casamento. Embora durante toda a pesquisa de campo eu documentasse as atividades do grupo, foi durante a Festa da Cigana que a valorização de uma documentação visual dos rituais, por parte do grupo, ficou evidente. Por se tratar da festividade mais importante da terreira, a festa foi esperada durante todo o ano. Em alguns rituais de menor escala na terreira, costumava ouvir comentários que indicavam a Festa da Cigana como uma ótima ocasião para fotografar; era uma festa bonita, intensa, que muitas vezes terminava ao raiar do dia. Neste ano, ela marcaria a inauguração do novo salão da terreira, que havia sido finalizado poucos dias antes, e justamente por ser um ano de muitas despesas, a festa seria de menor proporção, e seu término estava previsto para a uma hora da manhã.

Cheguei na festa portando a câmera fotográfica, como de costume. Havia uma intensa movimentação dentro e fora da terreira. Comidas, flores e adornos eram levados da casa de Leoni até a terreira por diversos filhos de santo. Em frente a terreira, uma tenda com tochas iluminava a entrada: ali, alguns filhos de santo vestidos de branco recepcionavam os convidados. Da porta avistávamos o colorido em tons de rosa das vestes do “povo da casa”, que dançava em uma roda no centro da terreira, iluminados pelas lâmpadas e também pela claridade da madeira da nova construção. Entramos no salão, e como de costume, fui pouco a pouco reconhecendo e recebendo leves sorrisos ou inclinações de cabeça de meus alunos, seus pais e conhecidos.

Nos eventos religiosos, eu buscava manter uma postura discreta e pouco incisiva, com uma constante dúvida quanto a aceitação de minha presença com a câmera

⁹ No projeto ligado à prefeitura, ministrei aulas de fotografia para um grupo de 5 a 10 jovens alunos durante o ano de 2009.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

no ritual. Em experiências anteriores¹⁰, a câmera em rituais era permitida apenas até determinado toque de tambor, o qual indicava o início da manifestação dos orixás, já que o orixá “no mundo” não deveria ser retratado. No terreiro de Bia, nunca tive nenhuma ressalva na documentação das festas, embora isso também nunca tenha sido dito explicitamente: o tempo da pesquisa de campo e as muitas incursões fotográficas nos rituais foram necessários para compreender o interesse do grupo no registro visual dos rituais.

Neste dia, como não havia acertado com Bia que iria fotografar, embora minha presença nas festas tornasse esse gesto sempre implícito, perguntei a Rosi, ao cumprimentá-la, se poderia fotografar. Ela disse que sim, e alguns instantes depois, ao me ver abaixada, posicionando a câmera por entre as pernas das pessoas que integravam a corrente na roda, se aproximou e disse seriamente que eu era a única pessoa autorizada a entrar na roda, referindo-se àqueles que não pertenciam à casa e à religião, e que apenas assistiam ao ritual. Durante a festa, encontrei diversos colaboradores que se ofereciam para segurar a bolsa, guardar meus sapatos caso eu entrasse na roda ou mesmo trocar de lugar para que eu ocupasse uma posição privilegiada. O gesto de fotografar foi aos poucos aparecendo em outras mãos que não as minhas: Contrera, marido de Bia, posicionava sua pequena câmera digital com flash captando os principais momentos da festa; um rapaz que depois veio a receber uma entidade, também registrava a festa com seu celular. Eu, sempre com receio de fotografar os rostos, entrei na roda em apenas um momento, mas permaneci abaixada, para não atrapalhar o ritual e também por um certo respeito aos orixás e às entidades. Mesmo tendo a liberação para fotografar, voltei a conversar com Contrera, do lado de fora do terreiro, sobre a captação de imagens. Foi então que ele me disse que era ótimo que eu fotografasse, porque quem geralmente fazia as imagens era um fotógrafo amigo da casa que não estava lá. Complementou dizendo que “o que era bonito era pra ser mostrado”.

Recordo que fui convidada diversas vezes para participar da festa junina. Rosi, Bia e Leoni diziam a festa seria na rua, com barraquinhas, comidas, e uma surpresa especial para mim e para a equipe ligada ao projeto. No dia da festa, estive impossibilitada de ir. Quando encontrei Rosi ela lamentou a minha ausência, porque

¹⁰ Refiro-me ao projeto “A tradição do Bará do Mercado”, no qual fotografei festas e rituais religiosos de matriz africana de diversos “ilês” e “terreiras” em Porto Alegre.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

havia preparado uma coreografia especial que encenava os negros escravos sendo libertos, o que segundo ela havia sido uma apresentação muito bonita e bastante “realista”. Ela lamentou principalmente o fato de que, com a minha ausência, não havia ficado nenhum registro da festa: ninguém ali havia fotografado ou filmado.

As reflexões de Bourdieu (1965) sobre a fotografia nos ajudam a compreender aqui a importância da documentação no contexto destes rituais. O autor recupera a afirmação de Durkheim segundo a qual a festa tem por função revivificar e recriar o grupo, para inscrever a fotografia como um meio de solenizar tais momentos culminantes da vida social nos quais o grupo reafirma sua unidade (BOURDIEU, 1965:41).

Se a fotografia cumpre um papel fundamental na socialização, circunscrição e legitimação deste setor privado da sociedade que é a família (LEITE, 2005), também é investida de um valor de memória que escolhe e guarda aquilo que é relevante lembrar. No dia em que Leoni e Rosi me mostraram um acervo maior de fotografias, ficou evidente o grande número de imagens de festas e rituais na terreira, assim como de outras expressões ligadas à uma tradição de matriz africana, como apresentações da escola de samba, de danças afro, etc. As fotografias de Leoni marcavam uma memória da família de sangue e também da família de santo e de uma rede mais ampla de colaboradores que participavam das atividades do grupo. A trajetória da terreira, por exemplo, era rememorada na manutenção de suas atividades frente às intempéries e mudanças de casa.

Rosi: Ó, uma festa de preto velho, aqui ta chegando um preto velho boiadeiro, ó. Dentro do antigo terreiro.

Pesquisadora: Pegou bem o gesto dele...os preto velho quando chegam, eles se abaixam assim?

Rosi: Hu-hum. É o pai Ogum que ta no mundo, ó. Essa aí é uma festa de Ogum. Isso aqui, era quando a Bia morava aqui, era uma terreira antiga, que aí a Bia pegou um quarto dela, e nós nunca deixamos de fazer. Porque nós tinha desmanchado o terreiro, né, aí ela pegou uma peça, fez o terreiro, e nunca deixamos de fazer os nossos trabalhos, ó. E era uma festa, casualmente, de Ogum, e nós fizemos a festa ali, e era uma festa pequena, que nem essa aqui, ó. Mas eu acho que, as nossas raiz tem que ser mostrada sempre, em qualquer lugar, né.

A produção destas imagens tematizando os rituais da terreira nos mostram como as fotografias de religião conferem visibilidade a uma série de elementos a ela



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

associados, como os espaços, os filhos de santo, os amigos, os rituais, as roupas, fornecendo informações importantes para a constituição de uma memória da trajetória religiosa deste grupo. Vemos que este esforço pela manutenção das atividades religiosas e pela visibilidade da “raíz” do grupo mobiliza também a prática de documentação visual destes rituais. Nesse caso, a fotografia muitas vezes entrelaça a dimensão de uma memória familiar com uma força que busca visibilizar e conferir importância a tais práticas, em um contexto de disputas simbólicas frente a coexistência de distintas tradições e grupos na Ilha da Pintada.

*

O carnaval da Ilha também demandava um contínuo esforço por parte do grupo: ensaios da bateria e a coreografias das alas, o cuidado com as fantasias e os instrumentos, a organização da vinda de pessoas de fora para participar do desfile. A bateria da escola era coordenada por Max, filho mais novo de Leoni, e era composta por uma série de jovens rapazes, os quais haviam formado também uma banda de músicas pop. Alguns deles eram também tamboreiros na terreira. O carnaval da Ilha, que acontecia depois do carnaval oficial de Porto Alegre, inseria-se em um circuito de carnavais de bairro organizados pela prefeitura¹¹, com a participação de diversos blocos comunitários, blocos pequenos que não integram o desfile do carnaval oficial de Porto Alegre, o qual ocorre em uma pista construída especialmente para esta festividade¹². Tais blocos improvisam fantasias ou utilizam vestimentas luxuosas cedidas por outras escolas. É o caso da Escola de Samba Unidos do Pôr-do-Sol, cujas fantasias vinham de uma escola do Rio de Janeiro. A escola foi fundada pela família de Leoni e Bia depois da ruptura com outra escola de samba, a União da Ilha, motivada pelo que Leoni considerava uma administração duvidosa dos recursos. A União da Ilha acabou perdendo força e se desmobilizando com a cisão do grupo.

¹¹ Era o setor da Descentralização da Cultura que se ocupava dos carnavais comunitários, os quais eram organizados por associações de bairro e contavam com o apoio técnico da prefeitura, que levava o caminhão de som e viabilizava o transporte dos grupos aos locais dos desfiles. Tive a oportunidade de participar de dois carnavais de bairro: na Zona Sul, este ano organizado pelo Ponto de Cultura Assunção, e na Ilha da Pintada, organizado pela Escola de Samba Unidos do Pôr do Sol.

¹² O Complexo Cultural do Porto Seco foi inaugurado em 2004, em meio a uma polêmica sobre a retirada do carnaval das ruas do centro da cidade, onde aconteciam os desfiles até então. A idéia inicial era de construir o sambódromo no Parque Marinha do Brasil, situado nas proximidades do centro, mas diversas pessoas se mostraram contrárias a idéia, acionando a Justiça para impedir a construção. Assim, o sambódromo foi construído na Zona Norte da capital, em um local isolado e de difícil acesso.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

No dia 07 de março de 2010, ao final da tarde, toda a extensão da rua Nossa Senhora da Boa Viagem, desde a Colônia de Pescadores Z-5 até o Estaleiro Mabilde, já estava fechada para o desfile. Nas ruas perpendiculares à praia, o movimento nos bares e ruas era intenso e se escutava ao longe a música dos blocos. Encontrei ali Max, assistindo displicentemente a concentração dos outros blocos em cima de sua bicicleta. Quem o visse ali, não imaginaria que em pouco tempo ele estaria a frente da bateria da escola. Perguntei pelo pessoal e ele disse que estavam na terreira arrumando as fantasias. Fomos até lá.

A rua escura era iluminada pela luz que vinha do interior do terreiro, e do outro lado da rua, pela fraca luz da casa de Lia. No pátio, as crianças vestidas de Papai Noel faziam fila para passar o repelente. Naquela noite quente, depois da chuva, a Ilha estava repleta de mosquitos. As baianas também se aprontavam no pátio. Dona Lia e Contrera estavam no terreiro vestindo as fantasias nos integrantes da escola. As fantasias ocupavam quase todo o espaço do terreiro, empilhadas nos cantos e separadas por temas. Diziam que muitos haviam faltado, e que iria sobrar fantasias. Contrera atribuiu a ausência de pessoas à chuva e ao mau tempo. De fato, as previsões para a noite de domingo apontavam para a entrada de um ciclone no litoral gaúcho. Já Lia falava com um pesar irônico sobre a falta de mobilização das pessoas.

As alas foram se dirigindo em pequenos grupos para a concentração na rua Nossa Senhora da Boa Viagem. A Unidos do Pôr-do-Sol foi a última escola a desfilar, marcando o encerramento do carnaval na Ilha. Os “puxadores” eram Bia e seu genro, que ficavam a frente da bateria coordenada por Max. Os rapazes da bateria vestiam uma roupa que lembrava as vestes dos nobres europeus, com perucas brancas e grandiosos chapéus adornados com plumas. Aretusa era a rainha da bateria, na companhia de “Pingo”, um travesti conhecido de todos na ilha. Rosi desfilava seu vestido branco como porta-estandarte. Minhas alunas e colaboradoras Victoria, Eliane, Micheline, e o grupo de meninas que dança o maculelê estavam na primeira ala, vestindo pesadas fantasias de duendes no trabalho. A filha de Claudinha, filha de santo da casa, era a rainha da ala das crianças, vestidas de Papai Noel. Dona Leoni integrava a ala das baianas junto com outras senhoras.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Além de cantar o samba enredo, Bia falava para o público sobre a importância do carnaval para a Ilha e os esforços que o grupo fazia para mantê-lo ali. Enfatizou para um público composto principalmente por moradores, na parte “de cima” da Ilha que o carnaval e a escola de samba faziam parte da Pintada. Em dado momento, como acontecia sempre que me avistava no momento em que tinha o microfone em mãos, Bia falou para o público que havia ali uma pessoa fotografando e pesquisando a história do negro na Ilha, e me passou o microfone para que, em meio ao carnaval, eu pudesse falar sobre o “meu trabalho”. Um pouco constrangida, falei brevemente sobre a importância de se documentar as expressões culturais da Ilha. Era visível que alguns integrantes do público olhavam o desfile com certa desconfiança, e poucos eram os que se soltavam para sambar na rua.

Nesse dia, pude perceber como o carnaval, como um evento que levava para a rua as manifestações culturais do grupo, e o “meu trabalho”, inseriam-se em um campo de disputas simbólicas em torno da construção de uma imagem da ilha, onde a valorização das expressões culturais de matriz africana estava em jogo. O carnaval, a história do negro, o maculelê, a terreira, os tambores, eram elementos os quais o grupo buscava dar visibilidade e receber o reconhecimento. Uma intensa mobilização para que as práticas outrora escondidas, como apareciam nos tempos narrados por Leoni, se tornassem práticas distintivas e legitimadas, as quais formassem, junto com uma tradição açoriana e pesqueira, a imagem da Ilha.

Nesse sentido, não era relevante o fato de que as fantasias faziam referência (e de certa forma, reverência) a um imaginário europeu e colonizador. Como mostra Roberto DaMatta (1997), as fantasias carnavalescas atualizam combinações de campos antagônicos e contraditórios, os quais constituem a própria essência do carnaval enquanto um rito nacional (DAMATTA, 1997:62). Aqui, o imaginário europeu inscrito nas fantasias era acompanhado do samba-enredo que falava dos orixás e do “povo da ilha”, no qual toda a mobilização em torno do carnaval expressava um conjunto de práticas e “táticas populares” capazes de manipular e subverter a figuração do europeu (DE CERTEAU, 1994). O fato de o grupo ter fantasias vindas do Rio de Janeiro era uma marca distintiva que legitimava a escola de samba, representando a Ilha da Pintada em um desfile de porte.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A intensidade e o investimento em torno de todas estas práticas mostram um esforço contínuo do grupo em fazer “durar” (BACHELARD, 1994) uma memória do negro na Ilha, nos contornos de uma duração “vivida, sentida, amada, cantada, romanceada” (BACHELARD, 1994:104), e narrada nas memórias dos mais velhos, na Umbanda, no carnaval, nos tambores, no maculelê. O aprendizado dessas práticas e tradições, por parte dos mais jovens, organiza uma continuidade das tradições, sempre atualizadas, como Leoni nos chama atenção ao narrar as diferenças da religião no tempo em que os tambores soavam baixinho. Em certa medida, trata-se também da “transmissão de padrões distintivos” (ELIAS E SCOTSON, 2000:169) às novas gerações, em que as crianças são iniciadas em aptidões específicas e desde muito pequenas assumem um lugar social na família, no grupo, e no território mais amplo da Ilha da Pintada. Embora quando incitados falassem com propriedade sobre temáticas como a religião e a valorização das expressões de uma cultura negra, estes jovens também viviam dilemas próprios da adolescência, oscilando entre a rebeldia em relação ao cumprimento de certas regras e a descoberta de um processo de iniciação no qual eles passam a assumir um lugar social no grupo, experimentando as ambigüidades de ser “negro” e “batuqueiro” na Ilha da Pintada.

Referências

ARAÚJO, Susana de Azevedo. *Bruxas e bruxarias na Ilha da Pintada, Porto Alegre, RS*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 1998.

BACHELARD, Gaston. *A Dialética da Duração*. São Paulo: Ática, 1994.

BARROS, Myrian Moraes Lins de. “Memória e Família”. In: *Estudos Históricos 3, Memória*. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 29 a 42.

BARTH, Fredrik. “Grupos Étnicos e suas Fronteiras.” In: POUTIGNAT, Phillippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo : UNESP, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *Un art moyen. Essai sur les usages sociaux de La photographie*. Paris: Les Editions de Minuit, 1965.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6ª edição. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DEVOS, Rafael Victorino. *A "questão ambiental" sob a ótica da antropologia dos grupos urbanos, nas ilhas do Parque Estadual Delta do Jacuí, Bairro Arquipélago, Porto Alegre, RS*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2007.

DURAND, Gilbert. *Campos do Imaginário*. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza C. da. *O tempo e a cidade*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2005.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L.. *Os estabelecidos e os outsiders*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. "Retratos de família: imagem paradigmática no passado e no presente." In: SAMAIN, Etienne (org.). *O fotográfico*. 2ª edição. São Paulo: Editora Hucitec/Editora Senac São Paulo, 2005.

MONTEIRO, Charles. *Porto Alegre e suas escritas: história e memórias da cidade*. Porto Alegre: Edipucrs, 2006.

MUNN, Nancy. "Excluded spaces: the figure in the Australian aboriginal landscapes." In: LOW, Seta M. and LAWRENCE-ZÚÑIGA, Denise (Ed). *The anthropology of space and place*. Oxford: Blackwell, 2003, pp. 92-109.

PORTO ALEGRE, Secretaria Municipal da Cultura, Centro de Pesquisa Histórica. *Arquipélago: as ilhas de Porto Alegre*. GOMES, José Juvenal; MACHADO, Helena Vitória dos Santos; VENTIMIGLIA, Marise Antunes. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1995.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura. Notas para uma Antropologia das Sociedade Contemporânea*. 8ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. *Projeto e metamorfose. Antropologia das Sociedades Complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.



» **XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais**

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina